
A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação contemporânea

CLÁUDIO MARQUES MARTINS NOGUEIRA*
MARIA DE FÁTIMA ANSALONI FORTES**

Resumo

Neste artigo discutimos a noção de trajetória escolar e apresentamos, através das investigações de Laurens e Terrail, certas perspectivas teóricas desenvolvidas pela Sociologia da Educação contemporânea para o estudo de trajetórias.

Palavras-chave: trajetória escolar; desempenho escolar; classes operárias; individualização; genealogia.

Abstract

In this article we discuss the notion of school path and present, through investigations by Laurens and Terrail, some theoretical perspectives developed by Modern Education Sociology for the study of paths.

Keywords: school path; student performance; bottom tiers; individualization; genealogy.

* Professor da Faculdade de Educação da UFMG e doutorando em Educação na UFMG.

** Professora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Unileste-MG) e doutoranda em Educação na UFMG

Résumé

Dans cet article on discute la notion de trajectoire scolaire et on presente, via les recherches de Laurens et Terrail, certames

perspectives théoriques développées par la Sociologie de l'Education contemporaine en vue de l'étude des trajectoires.

Mots-clés: *trajectoire scolaire; performance scolaire; classe opératoire; individuation; généalogie.*

Introdução

Na pesquisa sociológica consagrada à educação, a problemática das desigualdades educacionais tem ocupado, desde o início da década de 50, uma posição central. Inúmeras investigações, realizadas em diferentes países, demonstram a relação entre origem social e participação no sistema escolar. Em seu conjunto, essas investigações evidenciam a influência das variáveis socioeconômicas e socioculturais nos processos de escolarização ou, mais precisamente, na constituição de percursos escolares caracterizados pelo sucesso ou pelo fracasso.

Até o início dos anos oitenta, as investigações acerca das desigualdades educacionais caracterizavam-se, predominantemente, por seu caráter macrosociológico. Buscava-se estabelecer correlações amplas entre as categorias socioeconômicas e o desempenho escolar dos sujeitos a elas pertencentes. Se, por um lado, essas análises contribuíram para a identificação de algumas variáveis-chave relacionadas ao desempenho escolar, por outro elas deixaram de elucidar a ação individual dos sujeitos e os processos internos às famílias, através dos quais projetos estratégicos são elaborados e implementados.

Nas últimas décadas, uma mudança significativa reorientou Sociologia da Educação, deslocando o foco de atenção das macroestruturas para a análise, justamente, das ações e do: processos

microsociológicos relacionados com a vida escolar. Dentro dessa nova perspectiva, os indivíduos deixam de ser considerados meros executores de processos macroestruturais que os transcendem e passam a ser vistos como agentes efetivos e diferenciados que influem diretamente na definição de seus destinos sociais, inclusive escolares. As diferenças entre percursos escolares de indivíduos de um mesmo grupo social passam, então, a ser cada vez mais estudadas. Deixa de ser suficiente apontar a relação entre origem social e destino escolar. Busca-se então compreender como essa relação é construída ao longo das trajetórias escolares.

A noção de trajetória escolar

A noção de trajetória escolar não é definida de modo único no âmbito da Sociologia da Educação (QUEIROZ, 1993). É possível, no entanto, compreender o significado dessa noção considerando-se o uso que se faz do termo trajetória em outras áreas do conhecimento e mesmo no senso comum. A noção de trajetória é utilizada em geometria, meteorologia e astronáutica significando, basicamente, a linha ou o caminho percorrido por um objeto móvel determinado - respectivamente um ponto, definido em termos geométricos, uma massa de ar ou um míssil. Da mesma forma, na linguagem cotidiana, o termo trajetória é utilizado, fundamentalmente, no sentido de caminho, percurso ou trajeto. Sinteticamente, qualquer trajetória supõe um ponto ou objeto que se move e um espaço em relação ao qual ocorre o deslocamento. Partindo-se desses dois elementos básicos, é possível caracterizar qualquer trajetória em função da direção, distância percorrida e velocidade alcançada pelo ponto ou objeto móvel no espaço considerado. Quando se fala de trajetórias escolares, o "ponto" em questão é o aluno e o espaço de referência é o sistema de ensino. Trata-se, então, em primeiro lugar, de se

caracterizar a direção tomada, a distância percorrida e o tempo gasto por diferentes alunos para a realização de seus percursos escolares dentro dos sistemas de ensino.

Os sistemas de ensino podem ser caracterizados como uma sequência de níveis diferenciados, hierarquizados do ponto de vista da raridade do conhecimento que oferecem e do valor social dos títulos que conferem. Cada um dos níveis do sistema se subdivide em conjuntos de ramos, cursos e instituições de ensino, igualmente diferenciados e hierarquizados. Os níveis mais baixos do sistema de ensino, nos quais é oferecida uma educação básica, são normalmente menos diferenciados internamente. Os níveis subsequentes tendem a apresentar um grau cada vez maior de ramificações internas.

Esses ramos do sistema de ensino, além de distintos do ponto de vista da natureza da educação oferecida em cada um deles, encontram-se, de modo geral, hierarquizados em termos do grau de prestígio imediato que conferem aos alunos que os seguem e do retorno social e econômico que tendem a propiciar a esses mesmos alunos. É possível falar ainda, dentro de um mesmo ramo do sistema de ensino, de diferenças e hierarquias mais sutis que distinguem e classificam os vários cursos e as diversas instituições de ensino.

A noção de trajetória escolar diz respeito, então, aos percursos diferenciados que os indivíduos ou grupos de indivíduos realizam no interior dos sistemas de ensino. Esses percursos podem ser caracterizados, em termos absolutos ou relativos, como mais ou menos bem-sucedidos. Em termos absolutos, é possível falar de um sucesso maior ou menor em função da distância que o sujeito percorre no sistema de ensino, da natureza mais ou menos prestigiada dos ramos de ensino seguidos por ele e da velocidade com que ele realiza seu percurso.

Nesses termos, os casos de maior sucesso são definidos como aqueles em que os sujeitos alcançam os ramos superiores e mais

prestigiados do sistema de ensino no menor prazo possível. Em comparação com esses casos extremos, outras trajetórias são caracterizadas como de menor sucesso, ou mesmo de insucesso.

Outra possibilidade de análise implica definir o sucesso maior ou menor das trajetórias escolares individuais em relação ao que seria estatisticamente provável para sujeitos de determinada categoria social. Assim, os indivíduos que alcançassem desempenho compatível ou superior ao esperado de alunos com sua origem social seriam considerados bem-sucedidos, e ocorreria o inverso nos casos de desempenho inferior ao estatisticamente mais provável. Essa avaliação das trajetórias em termos relativos, ou seja, em relação à posição do sujeito na estrutura social, torna o conceito de sucesso escolar muito mais complexo.

Passa a ser possível, por exemplo, descrever como relativamente malsucedida a trajetória de um estudante que conclui um curso superior numa área do conhecimento e numa faculdade pouco prestigiadas quando seus pais são acadêmicos altamente renomados de áreas prestigiadas do conhecimento e formados em alguma grande universidade. A trajetória desse mesmo estudante poderia ser descrita como muito bem-sucedida se ele fosse filho de camponeses analfabetos. Essa definição mais sutil do sucesso escolar tem se tornado mais usual nos últimos anos.

De modo geral, no entanto, como observa Queiroz (1993), a noção de trajetória escolar não é nova. Na verdade, ela está e sempre esteve presente em todos os estudos que buscam analisar, numa perspectiva diacrônica, a relação entre origem social e participação no sistema escolar. Em cada momento da história da Sociologia da Educação, no entanto, a noção foi utilizada de forma diferente.

No período que vai das primeiras pesquisas do Ined (Institut National d'Études Démographiques) ao final dos anos 70, a noção de trajetória estava associada às pesquisas longitudinais de grande escala, que acompanhavam um conjunto considerável de

alunos ao longo do seu percurso escolar. O objetivo mais ou menos explícito dessas pesquisas era o de evidenciar as desigualdades de oportunidades presentes no sistema escolar.

O segundo período, que corresponde aproximadamente à década de 80, é marcado pelo surgimento de estudos deliberadamente mais circunscritos, que selecionam um grupo de trabalhadores ou uma região geográfica específica e estudam minuciosamente as trajetórias escolares aí presentes. Queiroz cita, especialmente, Berthelot e Terrail. Passa-se, nesse segundo momento, a dar maior atenção ao trabalho dos próprios sujeitos na construção de suas trajetórias escolares.

O terceiro período, de certa forma, radicaliza as características do segundo. Os grandes estudos estatísticos e as preocupações macrossociológicas com a questão das desigualdades são substituídos por pesquisas microssociológicas voltadas para a compreensão de biografias escolares. Em termos teóricos, o grande desafio passa a ser a construção de um modelo analítico que vá além da dimensão da reprodução da estrutura social pelo sistema de ensino e explique simultaneamente os casos em que o sucesso ou o fracasso ocorrem apesar de serem, do ponto de vista da teoria da reprodução, improváveis.¹

¹ Cf Laurens, 1992 e Viana, 1998

De acordo com a periodização proposta por Queiroz, parece ser possível falar de uma tendência a conceber a noção de trajetória escolar cada vez mais como algo que descreve o percurso escolar de um sujeito social concreto. As análises construídas em termos de correlações estatísticas cumpriram seu papel ao demonstrar exaustivamente o vínculo entre origem social e trajetória escolar. Essas análises deixaram sem explicação, no entanto, uma série de casos concretos nos quais o sucesso ou o fracasso ocorriam a despeito do que teoricamente seria o mais provável.

Em relação aos casos em que a reprodução ocorria conforme o que era previsto estatisticamente, permaneciam, de qualquer forma, sem explicação os mecanismos microssociológicos res-

ponsáveis por essa reprodução. O segundo e terceiro período delimitados por Queiroz parecem orientados pela necessidade de superar essas limitações da análise puramente estatística. A questão no segundo e, sobretudo, no terceiro momento passa a ser a de entender como, concretamente, os sujeitos lidam com múltiplas influências sociais e constroem trajetórias escolares diferenciadas. Não basta demonstrar que na maioria absoluta dos casos o sistema de ensino reproduz as desigualdades do sistema social. É preciso entender como ele faz isso e por que não faz em todos os casos.

Perspectivas teóricas para o estudo de trajetórias

Com o objetivo de entender a ação dos sujeitos perante as múltiplas influências sociais no sentido de construir trajetórias escolares diferenciadas, investigações têm sido realizadas a partir da década de 80. São, em geral, pesquisas que contemplam casos atípicos de trajetórias escolares, em que o sucesso ocorre apesar de ser, do ponto de vista estatístico, improvável. Jean Paul Laurens denomina esses casos atípicos como exceções sociológicas. Para o autor, a investigação desses "fenômenos marginais" reveste-se de uma importância fundamental. Conforme afirma:

... a observação atenta de um fenômeno pode desembocar em duas situações em todo caso positivas: seja por dar-lhe um lugar no modelo teórico dominante, lugar que ele não tinha encontrado ainda pela falta de dados detalhados, seja por mostrar a inadequação do modelo teórico, colocando em evidência mecanismos sociais até então desconhecidos, o que implica um novo modelo e participa, assim, da renovação da abordagem conceitual. Nesses dois casos a sociologia tem a ganhar, pouco a perder (LAURENS, 1992, p. 16).

Bernard Lahire (1997) se refere às improbabilidades estatísticas como verdadeiro mistério a elucidar. Segundo esse autor, considerando o conjunto de trunfos ou de recursos que certas famílias têm à sua disposição, é um desafio para a Sociologia explicar por que famílias muito mais bem dotadas que outras, sobretudo em capital escolar, têm os filhos em grandes dificuldades escolares, ao mesmo tempo em que outras famílias, diante de todas as características objetivas que permitem pensar que a escolaridade dos filhos pode ser difícil, os têm em boa situação escolar.

No que diz respeito ao estudo de trajetórias, duas perspectivas teóricas podem ser destacadas: a genealógica, que se refere à história da linhagem familiar e dos projetos elaborados pela família; e a individuação, na qual se considera o indivíduo como ser formado no âmbito social e que é, ao mesmo tempo, dotado de uma subjetividade.

A perspectiva genealógica

Em estudo realizado na França, no período compreendido entre 1986 e 1987, Jean Paul Laurens, professor da Universidade de Toulouse - Le Mirail, França, analisou trajetórias excepcionais de filhos de operários, alunos e ex-alunos de 13 escolas de engenharia da região de Midi - Pyrennés. O título de seu trabalho, "1 sur 500 - La réussite scolaire en milieu populaire", é explicado pelo autor pela constatação de que dentre 376 mil filhos de operários que nasciam na França a cada ano, no início dos anos 60, apenas 700, aproximadamente, diplomavam-se engenheiros, no final dos anos 80.

Utilizando-se de uma abordagem quantitativa e qualitativa, o autor analisou o "como" se processa o sucesso escolar desses filhos de operários e o "porquê" sociológico dessas trajetórias sociais e escolares atípicas. Na parte quantitativa de seu trabalho, foram utilizados questionários, a partir dos quais foram reconstituídas 167 trajetórias.

A análise estatística desses dados permitiu ao autor identificar três tipos de trajetória escolar que guardam estreita ligação com três tipos de práticas educativas familiares. Na parte qualitativa foram analisados 31 relatos genealógicos, através dos quais Laurens caracterizou aspectos mais específicos da ascendência familiar de cada sujeito da pesquisa e do seu processo de escolarização.

Os três grupos de famílias operárias caracterizadas pelo autor através de um tratamento de correlações estatísticas, foram denominados de "laboriosos", "ambiciosos" e "sortudos".

No grupo dos "laboriosos", que representa 42% da população estudada, o pai e a mãe são envolvidos no trabalho escolar, o pai supervisiona esse trabalho e é bem informado sobre as direções possíveis de se seguir no sistema de ensino. A mãe é disponível para orientar o filho e possui informações sobre o funcionamento do sistema escolar. Nas famílias desse grupo, em geral, o plano de uma escolarização de nível superior é elaborado tardiamente.

O grupo dos "ambiciosos" tem como projeto para os filhos os ramos mais nobres do ensino superior. Um número significativo de mães desse grupo trabalha no setor público e tem uma trajetória de ascensão profissional não operária. Nas famílias desse grupo, que representam 35% entre as investigadas a mãe se dedica ao trabalho de orientação e acompanhamento escolar do filho, o pai não tem papel de destaque nas tarefas escolares cotidianas, mas estimula o prosseguimento dos estudos nos momentos decisivos.

Finalmente, o grupo dos "sortudos" se caracteriza por delegar a outros as práticas educativas de sucesso, uma vez que as famílias que o compõem desconhecem o funcionamento da escola secundária e superior. Elas representam 21 % das famílias operárias da pesquisa e possuem uma característica clássica do comportamento operário que é a de buscar, antes de mais nada, assegurar a sobrevivência profissional. Nesse sentido, a escolarização de nível superior não se apresentou como possibilidade sempre presente nos planos familiares.

Cruzando os dados estatísticos, coletados a partir das 167 trajetórias com a abordagem qualitativa, realizada através dos 31 relatos genealógicos e biográficos, Laurens identificou alguns fatores super-representados na população estudada que denominou de "fatores de sucesso": avós não operários; pais com trajetórias ascendentes, qualificação profissional e estabilidade no emprego; mãe ativa e funcionária do setor público; pais com instrução superior à da média dos operários franceses; famílias operárias restritas (em relação ao número de filhos); ativismo político (de esquerda) e religioso (católico) dos pais; pais imigrantes (italianos e espanhóis); e oportunidades exteriores (o estímulo do cura de uma paróquia, as boas relações dos pais com professores e a influência positiva de tios e tias, entre outras).

Prosseguindo a análise em meios operários, Laurens identificou outros fatores condicionantes do sucesso escolar que denominou de "estruturantes e desencadeadores de sucesso". São eles: 1 - pai primogênito que não pôde prosseguir os estudos; 2 - processo de contramobilização social, que se refere a um investimento dos pais direcionado a recuperar uma situação

social favorável dos avós e que foi perdida por razões diversas; 3 - acidente demográfico, que representa situações de pais que não puderam ter outros filhos e que concentraram seus investimentos no filho único; 4 - a imigração, que segundo a pesquisa foi forçada sobretudo pela guerra civil espanhola e que, no geral, constituiu uma ruptura com a comunidade de origem e favoreceu a abertura da família ao mundo exterior e a novos projetos; e 5 - a frustração escolar, sentimento experimentado por pais que foram forçados a interromper estudos que poderiam conduzi-los a uma ascensão social.

Laurens destaca que os fatores estruturantes desempenham um papel catalisador essencial no processo. São eles que permitem às famílias utilizar os fatores de sucesso em prol de uma escolarização prolongada para os filhos. O autor conclui que o sucesso escolar

em meios populares está indissociavelmente ligado a um projeto familiar estruturante, capaz de orientar e unir ações de toda uma linhagem. Segundo Laurens (1992, p. 239): "... sem um projeto intencional, não há sucesso, qualquer que seja a situação familiar. O sucesso não é jamais evidenciado como uma fatalidade ditosa, assim como ele não é jamais imposto contra o agrado dos atores".

O trabalho de Laurens tem uma importância indiscutível por introduzir no estudo das trajetórias a perspectiva genealógica (a linhagem familiar). Ele propõe a abordagem das situações atípicas de sucesso escolar em termos de uma sócio-genealogia - a história da linhagem familiar e dos projetos por ela elaborados. Na concepção do autor, a trajetória de um ator social só tem sentido se relacionada ao próximo, ao seu meio, à de sua geração e sua região, mas também e, antes de tudo, por referência, à de seu próprio pai, à de sua mãe, à de seus avós e ao contexto familiar próximo e imediato. O sucesso e o projeto que o sustentou não têm significado se não forem relacionados a uma trajetória social passada, à história da linhagem familiar.

A individuação

Outro estudo, realizado na década de 80, que contempla trajetórias escolares, é o de Jean-Pierre Terrail (1990). Ele pesquisou o "êxito escolar" de intelectuais, estudantes universitários e profissionais franceses de origem operária, que tiveram acesso à universidade nos últimos 20 anos. São 23 os sujeitos de sua pesquisa, entre os quais se incluem: professores de Filosofia e Matemática, estudantes de Geografia, de Ciências Econômicas e Sociologia, engenheiro de produção, economista, jornalista, médico, psicólogo, administrador, sociólogo, professor de formação continuada e biólogo, entre outros. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa, através de narrativas biográficas, o autor procurou compreender o

processo de transformação de filhos de operários em intelectuais, os quais denominou *trânsfugos*.

Terrail identificou e caracterizou três grupos de famílias, considerando as formas de investimento num projeto de escolarização prolongada e os significados atribuídos ao sucesso escolar dos filhos.

No grupo de famílias A, a geração precedente detinha um patrimônio produtivo. São famílias que se isolam em si mesmas e exercem vigilância sobre o trabalho escolar dos filhos. Caracterizadas por forte integração religiosa, essas famílias mobilizaram recursos materiais a serviço da desproletarização familiar.

O grupo de famílias B é caracterizado por uma "apropriação do mundo", que envolve o interesse pela vida associativa, cultural e política. Nessas famílias existem práticas de investimento escolares tais como acompanhamento e orientação da vida escolar do filho e contatos com os professores. Um ou ambos os progenitores das famílias desse grupo guarda uma frustração escolar por ter interrompido os estudos. A sociabilidade, a relativa diversidade de suas relações de amizade e a militância ampliam os horizontes dos filhos e suas oportunidades.

Nas famílias do grupo C o sentido da escola se relaciona com a aquisição de um ofício, o acesso a uma qualificação profissional e um emprego estável. As trajetórias escolares bem-sucedidas ocorrem apenas para um dos filhos dessas famílias e não são resultado de um projeto familiar, uma vez que nesse projeto o trabalho ocupa lugar de destaque. Assim, o prolongamento dos estudos se realiza sem a adesão dos pais, que, não raro, demonstram reticência ou franca oposição diante do sucesso escolar dos filhos.

Terrail analisou os diferentes tipos de relação dos pais com a trajetória escolar dos filhos e os investimentos dos filhos na sua própria escolarização. Nessa análise alguns aspectos podem ser destacados. O primeiro deles diz respeito à autodeterminação dos filhos. De acordo com o autor, mesmo quando existe mobilização familiar intensa, o sucesso escolar nos meios operários requer que

o desejo dos pais seja interiorizado pelo filho.

A mobilização dos filhos tem origem na escola primária e é fundamental para o enfrentamento das dificuldades que surgem no decorrer da trajetória escolar. A disposição se enraíza nas relações familiares e com o nascimento de uma consciência das injustiças sociais. O sucesso escolar passa a ser visto, em alguns casos, como forma de revanche.

Um segundo aspecto ressaltado pelo autor refere-se às práticas escolares e às estratégias de sobrevivência no universo escolar. A escola, segundo Terrail, separa as classes e reforça as diferenças, transformando-as em desigualdade. Neste sentido, situar-se do ponto de vista da escola, adotando comportamentos e posturas que não destoem dos esperados neste ambiente, é condição fundamental para obter sucesso.

O processo de adequação do aluno dos meios operários à lógica escolar é caracterizado pela repressão e desconstrução cultural, perante o qual as respostas dos alunos são variadas, indo desde a dissimulação, a negação e a desvalorização de sua origem social até a vergonha dessa origem, da aparência e profissão dos pais. É um momento de ruptura para alguns e de continuidade transformadora para outros, na medida em que a escola possibilita uma mudança na compreensão do mundo, através dos conteúdos que ela ensina. Assim torna-se possível para alguns reconhecer nas diferenças vivenciadas na escola uma "razão de classe, e não uma deficiência pessoal".

Terrail destaca ainda que, na universidade, o percurso escolar dos filhos de operários, de maneira geral, é feito com interrupções, devido às dificuldades financeiras e culturais. Existe também, por parte desses alunos, fraca capacidade de utilizar as possibilidades oferecidas nas instituições, entre as quais as bolsas de estudo.

O autor propõe a perspectiva da individuação nas investigações sociológicas. Nesta perspectiva o indivíduo é percebido como ser social, que se constitui como membro de um grupo social e que,

assim, tem sua personalidade formada na presença do social e, ao mesmo tempo, é dotado de uma subjetividade singular. Tal perspectiva de análise supõe considerar nas trajetórias os processos de apropriação das condições de existência, no que se constituem e se exercem as capacidades e a subjetividade dos indivíduos, tratando-se tanto de sua capacidade de gerir seu destino pessoal como de sua percepção em relação à sua capacidade.

Estudo de trajetórias: alguns princípios de análise e estruturação das pesquisas

Embora as investigações de Terrail e Laurens apresentem perspectivas diferenciadas de análise de trajetórias, a genealogia e a individuação, ambos adotam procedimentos semelhantes na análise dos dados e na estruturação de suas pesquisas.

Um dos procedimentos comuns aos dois sociólogos de famílias segundo critérios de afinidades, considerando a natureza das trajetórias percorridas, o perfil sociocultural das famílias e as relações e práticas familiares. Outra semelhança nos trabalhos dos dois autores é a contextualização dos seus estudos, seja na teoria sociológica, seja nas esferas econômicas e políticas.

Laurens o faz na introdução e no primeiro capítulo do seu trabalho, intitulados, respectivamente, "O excepcional e a regra" e "Para situar o excepcional", nos quais discute, entre outras questões, o processo de democratização de ensino na França e sua relação com os filhos de operários. Ao analisar essa, suposta democratização, quando se trata das classes operárias, recorre à afirmativa de Bourdieu: "O direito à educação E sem dúvida um dos mais difíceis de se contestar na teoria, mas um dos mais difíceis também de se estabelecer de fato"(LAURENS, 1992, p. 11).

Terrail dedica a parte inicial do seu trabalho, desde a introdução até o sexto capítulo, a tratar da história, da cultura, da organização e da identidade operárias e da clássica oposição metodológica presente nas Ciências Sociais, que contrapõe abordagem individualista, que confere primazia às ações individuais, à abordagem "holística", que, conforme o autor, "recusa a redutibilidade da realidade social à agregação de condutas individuais" (TERRAIL, 1990, p. 13).

Nesses capítulos iniciais de seu trabalho, Terrail inclui ainda uma discussão a respeito da noção de individuação, afirmando que:

Os indivíduos não têm duas espécies de histórias diferentes, mas uma única e mesma história de onde procedem, inseparavelmente, sua dimensão social e a sua singularidade. [...] É essa história, na medida em que ela produz, de uma só vez, o pertencimento e a diferença, que eu qualificarei de processo de individuação (TERRAIL, 1990, p. 13).

Outro aspecto comum nos estudos de Laurens e Terrail é a identificação de fatores causais no processo de produção do sucesso escolar. Essa tendência é criticada por Lahire:

... se considerarmos a literatura sociológica sobre os casos de 'sucessos' escolares e/ou sociais nos meios populares, encontraremos uma variedade de hipóteses todas interessantes, umas mais que outras, mas todas também reducionistas, umas mais que outras. Às vezes é o 'projeto escolar', o superinvestimento escolar [...] Por vezes é o aspecto militante da famílias que é superconsiderado... (LAHIRE, 1994, p. 77).

Contrapondo-se à identificação de fatores isolados para explicar o sucesso escolar estatisticamente improvável, o autor busca na sua investigação² analisar o modo como se articulam dentro de cada configuração familiar específica certos elementos (relacionados com as formas familiares da cultura escrita, com as condições e disposições econômicas, com a ordem moral doméstica,

2 Pesquisa realizada na cidade de Lyon, na França, na qual o autor investiga casos de sucesso escolar e situações escolares problemáticas de crianças da escola elementar.

com os modos familiares de investimento pedagógico e com as formas de autoridade familiar) apontados pela análise sociológica como condicionantes do sucesso ou do fracasso escolar. A importância de cada um desses elementos para a definição de uma trajetória mais ou menos bem-sucedida não poderia ser determinada de modo universal e abstrato, mas, ao contrário, dependeria do conhecimento das características particulares de cada família.

Um mesmo atributo sociológico pode desempenhar um papel mais ou menos importante e mais ou menos positivo do ponto de vista das trajetórias escolares, dependendo do modo como ele se relaciona com os demais atributos de determinada família e, sobretudo, de acordo com o modo como essa família constrói internamente suas relações interpessoais. Uma vigilância pedagógica rígida por parte dos pais sobre a vida escolar dos filhos, por exemplo, conduzirá a resultados escolares mais ou menos positivos, dependendo do lugar que ela ocupa na vida familiar.

Essa vigilância é vivida como cobrança ou julgamento paterno, ou como manifestação de interesse, de companheirismo, de afeto? Ela é manifestação de confiança no potencial intelectual dos filhos ou de receio quanto ao seu futuro escolar? O conhecimento é valorizado em si mesmo ou apenas como recurso a ser utilizado estrategicamente para uma boa *performance* escolar e, futuramente, profissional? Como o trabalho de acompanhamento da vida escolar é dividido cotidianamente entre o pai, a mãe, os irmãos e os demais parentes?

Na perspectiva de Lahire, é preciso responder a esse tipo de questão para se compreender de modo mais preciso a forma como cada família influencia a vida escolar de seus filhos. A trajetória escolar de cada criança não seria resultado direto das características objetivas ou dos recursos materiais e culturais possuídos por cada família. Seria necessário compreender o uso que cada família, de acordo com sua dinâmica interna e seus laços pessoais e afetivos, faz desses atributos e desses recursos.

Concluindo, cabe destacar que o estudo de trajetórias escolares constitui um campo fértil de análise dos processos escolares e tem contribuído para elucidar questões referentes aos casos estatisticamente improváveis, às estratégias de escolarização postas em prática por diferentes grupos sociais e aos processos e mecanismos através dos quais se processam a exclusão e a seletividade do sistema escolar.

No Brasil, os estudos acerca de trajetórias escolares vêm se ampliando na última década. As investigações de Nogueira (1998), Romanelli (2000), Viana (1998) e Zago (2000), dentre outras, têm contribuído para a compreensão de uma relação complexa e ainda pouco privilegiada nas pesquisas brasileiras, a relação família-escola.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAHIRE, Bernard. Les raisons de l'improbable: les formes populaires de la réussite à école élémentaire. In: VICENT, Guy (Org.). *L'Éducation Prisionière de la Forme Scolaire?* Lyon: PUL, 1994.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LAURENS, Jean-Paul. *1 sur 500: la réussite scolaire en milieu populaire*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação - ANPED*, n.7, p. 42-56, jan./abr. 1998.

QUEIROZ, Jean-Manuel de. *Nouvelles interrogations autour des trajectoires scolaires*. In: COLLOQUE: POUR UM NOUVEAU BILAN DE LA SOCIOLOGIE DE L'ÉDUCATION. Paris: AISLF/INRP, 1993.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante trabalhador. In: NOGUEIRA, M. Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TERRAIL, Jean-Pierre. *Destins ouvriers: la fin d'une classe?* Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

VIANA, Maria José Braga. *Longvidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade*, 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. *In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis Vozes, 2000.